



Dificuldades e distúrbios de aprendizagem de uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de Santa Maria/RS

Learning difficulties and disorders in a 2nd grade class of a city school in Santa Maria/RS

Janaína Pereira Pretto Carlesso¹

 <https://orcid.org/0000-0001-8488-1906>  <http://lattes.cnpq.br/7677126784753262>

Leticia Gonçalves Borin Moro²

 <https://orcid.org/0000-0001-9840-8175>  <http://lattes.cnpq.br/1901746923238294>

RESUMO

Na presente pesquisa, teve-se como objetivo investigar a ocorrência de dificuldades e distúrbios de aprendizagem em uma turma de alunos do 2º ano do ensino fundamental, bem como investigar se os encaminhamentos realizados pela escola para profissionais especializados foram concretizados pelas famílias dos alunos com dificuldades e distúrbios de aprendizagem. O estudo realizado tem caráter qualitativo, e a técnica de pesquisa utilizada foi a pesquisa-ação. A pesquisa foi realizada em uma turma de 2º ano do ensino fundamental de uma escola Municipal de Santa Maria/RS. Os pais ou responsáveis pelos alunos também participaram do estudo. Foram convidados a responder um questionário sobre questões referentes ao desenvolvimento da criança. O resultado do estudo demonstrou que mais da metade da turma tinha dificuldade e distúrbio de aprendizagem e que a maioria das famílias não levaram o filho à consulta com psicopedagogo ao qual o filho foi encaminhado pela escola, o que ocorreu pelo desconhecimento da importância da ajuda de um profissional especializado ou por fatores familiares que, no momento, impediram de dar maior atenção à criança. Portanto, destaca-se a importância de os professores terem sensibilidade para perceberem as dificuldades apresentadas pelos alunos e criarem uma relação de troca com as famílias, possibilitando que ações sejam colocadas em prática na tentativa de oferecer aos educandos possibilidades para superarem suas dificuldades de aprendizagem.

Palavras-chave: Dificuldades; distúrbios de aprendizagem; ensino; família.

ABSTRACT

The present research aimed to investigate the occurrence of learning difficulties and disorders in a class of 2nd grade elementary school students, as well as to investigate whether the referrals made by the school to see specialized professionals were fulfilled by the families of

¹ Universidade Franciscana – UFN, Santa Maria/RS – Brasil. E-mail: janapcarlesso@yahoo.com.br

² E-mail: leticiaborin@yahoo.com.br



students with learning difficulties and disorders. The study carried out is qualitative and the research methodology used was action research. The research was carried out in a class of the 2nd year of an elementary city school in Santa Maria/RS. Parents or guardians of the students also participated in the study. They were invited to answer a questionnaire on issues related to the child's development. The result of the study showed that more than half of the class had learning difficulties and disorders, and that most of the families did not take their children to see the psychopedagogue to whom their children had been referred by the school. This occurred either because they were unaware of the importance of the help of a specialized professional, or because of family factors that, at the time, prevented them from paying more attention to the child. Therefore, it is important for teachers to be sensitive to the difficulties presented by students and to create an exchange relationship with families, enabling actions to be put into practice to offer students opportunities to overcome their learning difficulties.

Keywords: *Difficulties; learning disabilities; teaching; family.*

1. INTRODUÇÃO

No presente artigo, apresenta-se um estudo sobre casos de dificuldades e distúrbios de aprendizagem em uma turma de 2º ano do ensino fundamental em uma escola Municipal de Santa Maria/RS. O dia a dia do professor é marcado por surpresas e complexidades. Cada vez mais, os problemas da sociedade refletem na sala de aula e, principalmente, na aprendizagem dos alunos.

A escola é o primeiro ambiente social na vida das crianças fora do contexto da família. É nela que a criança faz suas interações, amizades, se descobre como ser ativo e pensante. Por isso, a escola deve suprir os anseios dos educandos, oferecendo condições necessárias para que as crianças se sintam amadas, respeitadas, seguras e protegidas.

Entretanto muitos professores que atuam com crianças nas escolas não se dão conta da dimensão que tem seu papel na vida delas, acreditam que sua tarefa é apenas pedagógica, transmitir conteúdos para que os alunos aprendam. Porém não há como acontecer uma aprendizagem voltada para a necessidade dos alunos sem envolvimento e comprometimento de ambas as partes, principalmente a do educador, pois é ele que deve ter a sensibilidade de entender as necessidades e angústias dos alunos e partir destas para preparar as aulas. Para Vasconcellos (2009, p.173), “O ensino se dá sempre em condições concretas, sendo necessário, portanto, analisar o contexto em que está inserido. Buscamos um currículo que tem por base os sujeitos, seus tempos de vida, suas necessidades, desejos, projetos.”

Assim, é preciso, em primeiro lugar, que os educadores entendam que têm papel social e político insubstituível e precisam assumir uma postura crítica e reflexiva em relação a sua atuação, tendo a percepção que, muitas vezes, a constituição familiar na qual a criança vive está desestruturada e que a escola é a segunda casa dessa criança e, portanto, é nela que a criança busca afeto, carinho e, sobretudo, busca ser compreendida.

Os educadores, hoje, precisam trabalhar em uma dimensão dialógica, dando voz e oportunidades para que as crianças se expressem. Um aluno que está com problemas em casa e que não é compreendido na escola provavelmente não conseguirá ter uma aprendizagem satisfatória. Esse aluno tende a se manifestar de maneira agressiva,



com atitudes ríspidas, grosserias, palavrões. Além disso, poderá manifestar alterações comportamentais, como falta de confiança e baixa autoestima, e tudo isso tende a acarretar problemas na aprendizagem.

Para auxiliar as crianças que sofrem com os mais variados problemas, é necessário observar como se dá o processo de escolarização, como cada criança aprende. Além disso, é preciso verificar fatores internos e externos ao cotidiano escolar destas crianças. Bazi (2000) afirma que a maioria dos problemas de aprendizagem, identificados pela escola, não constituem uma patologia neurológica, são dificuldades de aprendizagem decorrentes de inúmeros fatores (internos e/ou externos) de ordem pessoal, familiar, emocional, pedagógica e social.

Cabe, então, aos professores considerar os alunos sujeitos dotados de emoções, sentimentos e necessidades, pois tão importantes quanto as metodologias utilizadas no ensino é o espaço que o afeto ocupa na construção do conhecimento. Logo, a relação professor-aluno é uma condição do processo de aprendizagem, é o que motiva e dá significado ao processo educativo.

A afetividade constitui um papel fundamental na formação da inteligência, de forma a determinar os interesses e necessidades individuais do indivíduo. Atribui-se emoções a um papel primordial na formação da vida psíquica, um elo entre o social e o orgânico. (SILVA, 2013, p.73).

A conduta do educador em sala de aula interfere na motivação, afetividade e dedicação do aluno ao aprendizado. O aluno, quando se sente acolhido no ambiente escolar, se sente influenciado a se dedicar na sua aprendizagem. Assim, é evidente que as emoções influenciam no comportamento, pois, quando uma palavra de afeto é dita para o aluno, este age de forma completamente diferente de quando é somente criticado negativamente. Por isso, é fundamental o professor reforçar a autoconfiança dos alunos, a fim de manter sempre uma atitude de cordialidade e de respeito.

As interações sociais (entre alunos e professores) no contexto escolar passam a ser entendidas como condição necessária para a produção de conhecimentos por parte dos alunos, particularmente aquelas que permitem o diálogo, a cooperação e troca de informações mútuas, o confronto de pontos de vista divergentes e que implicam na divisão de tarefas onde cada um tem uma responsabilidade que, somadas, resultarão no alcance de um objeto comum. Cabe, portanto, ao professor não somente permitir que elas ocorram como também promovê-las no cotidiano das salas de aula. (VYGOTSKY, 1994, p.110).

Além disso, é fundamental que os recursos utilizados pelo educador sejam pensados e desenvolvidos de acordo com o nível que o aluno se encontra, bem como façam parte do contexto social em que estão inseridos, ao contrário, não serão significativos para sua aprendizagem.

Assim, organizar uma prática escolar considerando sentimentos, afeto, emoções e interesses dos alunos é, sem dúvida, conceber o aluno como um sujeito que está em constante construção e transformação de sua personalidade e que, a partir das interações positivas que obteve pelo seu caminho, poderá tornar-se um ser reflexivo, sensível e com capacidade de intervir na sociedade.



As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo. Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais seu pensamento, devemos fazer com que essas atividades sejam emocionalmente estimuladas. (VYGOTSKY, 1994, p.121).

Para que efetivamente o vínculo entre professor e aluno se construa, é necessária muita dedicação do professor à sua turma, também é fundamental compreender que tanto o professor como os alunos são responsáveis por construir e manter esse vínculo afetivo com qualidade, e é inegável que o professor é responsável por conduzir essa relação. Devido a sua experiência, o professor tem muito a contribuir para o aluno em formação, na busca da construção de sua identidade. Essa relação será determinante para o estabelecimento de padrões de conduta da criança, para a forma com que ela vai lidar com seus sentimentos e emoções e para a construção do seu caráter.

Os sentimentos de afeto e carinho são essenciais para todo o funcionamento do organismo, dando motivação e coragem para que os educandos possam progredir em seu desenvolvimento e aprendizagem. O sujeito, no processo de aprendizagem, não é apenas o receptor, pois a interpretação do significado é feita a partir de suas experiências e ressignificações, que definirão sua resposta diante do que é aprendido. Assim, ser professor é um desafio, pois é preciso entender como cada aluno aprende, suas habilidades e suas dificuldades e, sobretudo, respeitar seus limites fazendo o possível para que seus alunos aprendam e se desenvolvam.

O que é ser professor hoje? Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Diante dos falsos pregadores da palavra, dos marqueteiros, eles são verdadeiros amantes da sabedoria, os filósofos de que os falava Sócrates. Eles fazem fluir o saber – não o dado, a informação, o puro conhecimento – porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis. (GADOTTI, 2003, p.3).

Além de ensinar, os docentes buscam desenvolver nos estudantes atitudes e habilidades de respeito ao próximo, incentivam alunos para que se tornem comunicativos e saibam se expressar, que consigam lidar com suas emoções de modo a torná-los cidadãos de bem, éticos e produtivos para a sociedade. Mas, para que o professor tenha capacidade de enfrentar todos esses desafios, é fundamental que ele seja sensível aos problemas apresentados pelos alunos. Esses problemas, muitas vezes, parecem banais, mas acabam por prejudicar sua aprendizagem e, por consequência, todo seu desenvolvimento.

Normalmente, quando um aluno não aprende, é comum a família culpar a escola, e o professor culpar ou a criança ou sua realidade. Mas, na verdade, a culpa, na maioria das vezes, não é de nenhum, e a consequência acaba sendo de todos, pois tanto a criança como o professor se sentem frustrados. Partindo desse ponto de vista, deve-se refletir sobre a necessidade de os educadores, em parceria com as famílias, buscar ajuda com profissionais especializados quando verificada a necessidade. A partir de tais considerações, na presente pesquisa, teve-se como objetivo verificar a ocorrência



de dificuldades e distúrbios de aprendizagem em uma turma de alunos do 2º ano do ensino fundamental e também investigar se os encaminhamentos realizados pela escola para profissionais especializados são concretizados pelas famílias dos alunos com dificuldades e distúrbios de aprendizagem.

2. O PAPEL DO PROFESSOR, DA ESCOLA E DA FAMÍLIA FRENTE ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

A chegada ao ensino fundamental é uma etapa essencial e muito importante na vida de uma criança, pois é nela que a criança evolui seu intelecto, é um processo que dá continuidade a todas suas vivências, porém agora o aluno terá técnicas mais precisas de ensino sobre leitura e escrita. Para isso, o professor alfabetizador, a escola e a família precisam entender o ensino nas suas singularidades, pois só assim poderão contribuir significativamente na vida das crianças envolvidas.

Segundo Morin (2003), é preciso conceber o ensino como processo ao mesmo tempo social e pessoal, individual e coletivo. Já para Moraes (2001), o ensino marca a busca do conhecimento, possibilita a conscientização do indivíduo sobre sua própria existência e sobre seu papel histórico na construção do conhecimento. Por isso, ensinar não é apenas transmitir o saber elaborado, o período de alfabetização não se caracteriza apenas pela codificação e decodificação das letras. Os Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil e os Parâmetros Curriculares Nacionais, que deram destaque às ideias de Emília Ferreiro ressaltam

que a alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar, e, para aprender a ler e escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: ele precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem. (BRASIL, 1997, p.21).

Freire (1996) define o ensino como provocação do professor por meio tanto do que ele usa para ensinar quanto do modo como ensina. Assim, o educador deve utilizar diferentes meios e técnicas para atingir seus objetivos de aprendizagem, visto que cada criança aprende do seu jeito. Bordenave e Pereira (2002) explicam que, para ensinar, o professor precisa planejar, orientar e controlar a aprendizagem do aluno. Porém sabe-se que os educadores conhecem técnicas variadas de transmitir seus conhecimentos, cada um utiliza a que acredita ser mais eficaz e, normalmente, têm liberdade para fazer modificações caso considere necessário, pois as observações e os diagnósticos devem se fazer constantes, principalmente em uma turma com crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem.

É fundamental, também, salientar que, além de técnicas de ensino- aprendizagens apropriadas para cada tipo de dificuldade e distúrbio de aprendizagem, o professor saiba acolher os alunos, promovendo um bom relacionamento entre a turma, para que os educandos se sintam acolhidos e seguros naquele ambiente, visto que, normalmente, os alunos que têm alguma dificuldade apresentam desmotivação com a escola, fazem um autojulgamento negativo, acreditando que são incapazes, o que causa baixa autoestima e diversos problemas, sendo um deles a defasagem escolar.



Por isso, cabe ao professor oferecer seu carinho e também propor atividades que busquem motivar essas crianças.

Os professores que enfrentam esses problemas tendem a desenvolver conflitos internos e muita preocupação por não saber identificá-los ou mesmo enfrentam dificuldade e dúvida na escolha de métodos adequados para utilizar com os alunos para que avancem em seus conhecimentos.

Outro fator fundamental que deve ser abordado é a necessidade de capacitação por parte dos professores para que essa situação possa ser enfrentada com segurança. Segundo Demo (2007, p.11), “investir na qualidade da aprendizagem do aluno é, acima de tudo, investir na qualidade docente.” Porém, para isso, é necessário ter formação e, para que esta tenha realmente sentido, ela deve ser constante e direcionada para os problemas que o educador enfrenta no seu contexto escolar. Infelizmente o que normalmente é visto são capacitações com temas aleatórios e que não fazem parte das vivências dos educadores. Outro problema é a falta de tempo por parte dos profissionais da educação para buscar formação continuada, visto que sua carga horária não permite. Segundo Moreira e Candau (2005, p.23):

É necessário um destaque à necessidade de se pensar uma formação continuada que valorize tanto a prática realizada pelos docentes no cotidiano da escola quanto o conhecimento que provém das pesquisas realizadas na Universidade, de modo a articular teoria e prática na formação e na construção do conhecimento profissional do professor.

Refletindo sobre os problemas enfrentados pelos educadores no sistema de ensino, pode-se verificar que a escola e os professores não conseguem resolvê-los sozinhos. É preciso e necessário que cada um exerça sua responsabilidade, escola, família e professor façam sua parte. A função primordial da escola e do educador vai muito além de propiciar formas e mecanismos eficazes de ensino e, conseqüentemente, da apropriação de conhecimentos. É fundamental que a escola forme seres críticos e refletivos, capazes de atuar com caráter na sociedade, e isso só será possível com a união entre família e escola.

A função da escola é proporcionar um conjunto de práticas preestabelecidas com o propósito de contribuir para que os alunos se apropriem de conteúdos sociais e culturais de maneira crítica e construtiva. Esta função socializadora nos remete a dois aspectos: o desenvolvimento individual e o contexto social e cultural. (FREIRE, 2000, p.132).

A família deve ser a primeira formadora da identidade social. É nela que se dão os primeiros contatos com o mundo das regras e dos valores vigentes na sociedade. Freire (1993) parte do pressuposto de que a família é a primeira mediadora entre o homem e a cultura, ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e da construção individual e coletiva. E é a partir da união entre família, professores e escola que depende o sucesso do processo de ensino - aprendizagem.

Um dos fatores que justamente tem prejudicado muito a aprendizagem das crianças é a ausência da família na escola, e isso é fruto da nova constituição de sociedade, que ocupa basicamente todo dia no mundo do trabalho, passando a exigir que a escola



ocupe o vazio que eles não podem preencher. Sendo assim, o que se vê são crianças chegando à escola e desenvolvendo suas atividades escolares sem qualquer apoio familiar.

Diante de todos os problemas discutidos e refletindo sobre como superar as dificuldades e os distúrbios de aprendizagem, observa-se que essa problemática só poderá ser resolvida com entendimento e envolvimento de família, escola e professores. O papel dos pais é dar continuidade ao trabalho da escola e dos professores, criando condições para que seus filhos tenham sucesso tanto na sala de aula como na vida.

3. METODOLOGIA

O tipo de pesquisa realizada nesse estudo é a pesquisa-ação de cunho qualitativo. A pesquisa-ação tem como característica a participação do pesquisador no cotidiano do local da pesquisa. Ela deve ser contínua e sua intensão é contribuir com a realidade pesquisada, ou seja, é uma metodologia reflexiva e crítica, que busca estudar algum fator da realidade com o objetivo trazer contribuições.

Pesquisa-ação é uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva compreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. A abordagem é de uma pesquisa-ação apenas quando é colaborativa... (KEMMIS; MC TAGGART, 2001, p.248).

A coleta de dados foi realizada nas seguintes etapas: primeiramente, para verificar a prevalência de dificuldade e distúrbios de aprendizagem dos alunos foram realizadas observações e acompanhamento do desempenho escolar durante o ano de 2019.

Para investigar se os encaminhamentos realizados pela escola para profissionais especializados foram concretizados pelas famílias dos alunos com dificuldades/distúrbios de aprendizagem foi realizada uma análise documental nas fichas dos alunos participantes da pesquisa e também foi feita a aplicação de um questionário com as famílias. Cabe apontar que o questionário contribuiu de maneira simples, sem expor o pesquisado e contribuiu para coletar informações e dados da realidade pesquisada.

Segundo Gil (1999, p.128), questionário define-se “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

Para analisar os dados coletados, foi utilizada como técnica a análise de conteúdo. Para Chizzotti (2006, p.98), “o objetivo de análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas.” Essa técnica busca descrever o conteúdo das mensagens para que permitam obter conhecimento do produto pesquisado. Para organização do material obtido na literatura sobre o assunto, foram utilizadas as etapas da técnica segundo Bardin (2009), a qual é organizada em três fases: 1) pré-



análise; 2) exploração do material; e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, serão apresentados (Quadro 1) os resultados referentes à ocorrência de dificuldades e distúrbios de aprendizagem, quanto ao gênero, o motivo do encaminhamento e a situação de atendimento da amostra estudada.

Quadro 1 - Ocorrência de dificuldades e distúrbios de aprendizagem na amostra estudada (n = 11 alunos).

GÊNERO	IDADE	SITUAÇÃO E MOTIVO DO ENCAMINHAMENTO 2019
Feminino (A)	8 anos e 4 meses	Situação: Teve atendimento no PRAEM. Motivo: Dificuldade de leitura, escrita e cálculos.
Masculino (B)	9 anos e 4 meses	Situação: Encaminhado ao PRAEM. (Não foi chamado para atendimento). Motivo: Dificuldade de leitura, escrita e cálculos. Se mostra nervoso e tímido.
Masculino (C)	7 anos e oito meses	Situação: Encaminhado ao PRAEM para atendimento psicopedagógico. (Foi chamado, mas a família não levou às consultas). Por não ter tido progressos durante o ano, a Educadora Especial da escola se prontificou a atendê-lo no contraturno. A família não levou em nenhuma manhã. Motivo: Dificuldade de leitura, escrita e cálculos.
Masculino (D)	7 anos e 7 meses	Situação: Encaminhado ao PRAEM para atendimento fonoaudiológico, oftalmológico e psicopedagógico. Foi chamado para atendimento Fonoaudiológico e psicopedagógico, porém perdeu a vaga por falta às consultas. Já para o atendimento do oftalmologista foi chamado, ganhando os óculos de acordo com seu grau de necessidade. Motivo: Dificuldade de leitura, escrita e cálculos.
Masculino (E)	7 anos e 7 meses	Situação: Teve atendimento fonoaudiológico no PRAEM. Motivo: Dificuldade de leitura, escrita, fala e concentração.
Feminino (F)	7 anos e 7 meses	Situação: Encaminhado ao PRAEM. (Não foi chamada para atendimento). Motivo: Dificuldade de leitura, escrita e cálculos. Extremamente nervosa.
Masculino (G)	7 anos e 10 meses	Situação: Encaminhado ao PRAEM para atendimento psicopedagógico. Foi chamado para atendimento, porém perdeu a vaga por faltar às consultas. Motivo: Dificuldade de leitura, escrita e cálculos.
Masculino (H)	7 anos e 3 meses	Situação: Frequentou atendimento com a Educadora Especial no turno inverso. Suspeita de autismo. Motivo: Dificuldade na leitura e escrita.
Masculino (I)	8 anos e um mês	Situação: Transferiu-se da escola.
Masculino (J)	7 anos e 5 meses	Situação: Encaminhado ao PRAEM para atendimento psicopedagógico. O aluno foi chamado para atendimento, porém não foi levado para a consulta, os pais discordam da dificuldade do filho.



		Motivo: Dificuldade de leitura, escrita, cálculos, interação social e motricidade.
Masculino (K)	7 anos e 5 meses	Situação: Encaminhado ao PRAEM para atendimento psicopedagógico. O aluno foi chamado para atendimento, porém não foi levado para a consulta, os pais discordam da dificuldade do filho. Motivo: Dificuldade de leitura, escrita e interação social.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Ressalta-se que os alunos que tiveram atendimento tanto no PRAEM quanto com a Educadora Especial na escola (alunos A E H) não entraram para análise deste estudo. A análise de dados do presente estudo foi baseada nos alunos que apresentaram dificuldade de aprendizagem e não tiveram intervenções fora da escola. Portanto a análise da pesquisa foi baseada em 8 alunos.

No quadro 1, observa-se que a prevalência de dificuldades/distúrbios de aprendizagem é maior nos meninos.

Em relação ao sexo, a literatura descreve prevalência de meninos com dificuldades de aprendizagem quando comparados às meninas, numa proporção de 6:1. Este predomínio do sexo masculino tem sido explicado por hipóteses genéticas, anatômicas, de especialização hemisférica e devido a causas sociais, dependendo da população estudada. (LIMA, 2006, p.186).

Os meninos da amostra, além de apresentarem dificuldades nas áreas já citadas, também tem características próprias peculiares, que são verificadas no cotidiano da sala de aula por meio da observação, pois a maioria deles são introvertidos e têm dificuldade de se expressar ou interagir com os colegas. Esse resultado não é semelhante aos dados obtidos em pesquisas já realizadas, que apontam que meninos têm mais dificuldade de aprendizagem, pois normalmente são mais agitados e desconcentram-se com facilidade.

A aprendizagem depende da organização neurológica do cérebro, e essa função se relaciona diretamente com fatores ambientais e genéticos, ou seja, a criança, para aprender, precisa estar preparada e madura.

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil salienta que,

Para aprender a ler e a escrever, a criança precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem. Isso significa que a alfabetização não é o desenvolvimento de capacidades relacionadas à percepção, memorização e treino de um conjunto de habilidades sensório-motoras. É, antes, um processo no qual as crianças precisam resolver problemas de natureza lógica até chegarem a compreender de que forma a escrita alfabética em português representa a linguagem, e assim poderem escrever e ler por si mesmas. Esse fato aponta para a importância do contato com a escrita nas instituições de Educação Infantil. (BRASIL, 1998, p.123).



Por isso, a aprendizagem é algo complexo, que se inicia a partir do nascimento, ou mesmo na vida intrauterina e se estende durante toda vida. E todas as fases anteriormente vividas pelas crianças devem ser levadas em consideração quando se está investigando por que a criança está com dificuldades de aprender ou ser alfabetizada.

Todas as circunstâncias vividas pelas crianças devem ser respeitadas, e a questão de gênero na sociedade ainda está muito viva e forte e deve ser vista com consideração. Fernández (2004b) afirma, em pesquisa, que 70% das crianças trazidas aos consultórios psicopedagógicos por dificuldade de aprendizagem ou fracasso escolar eram meninos.

Esses índices também se explicam pelo fato de as meninas terem amadurecimento tanto cognitivo como físico mais rápido que os meninos. (MORAIS, 1992). Assim, ao iniciar o ensino fundamental com seis anos de idade, já haveria uma diferença possivelmente fácil de ser vista, pois as meninas normalmente se mostram mais “maduras”, o que é verificado nas falas e atitudes. Essa maturidade também se refere à aprendizagem.

No quadro 2, pode-se verificar que em relação aos motivos dos encaminhamentos, a maioria da amostra do estudo apresentou dificuldades de leitura, escrita e cálculos matemáticos. Segundo Carlesso e Tolentino-Neto (2018), o aluno pode desenvolver as dificuldades de aprendizagem em mecanismos distintos, como na escrita, leitura, matemática ou outros campos do conhecimento. Essas dificuldades podem ocorrer em conjunto ou separadamente em níveis diferentes, podem ser ocasionadas por um fator ou por vários deles e podem envolver desde problemas neurológicos até problemas emocionais, familiares, socioeconômicos.

Cabe apontar que, neste estudo, foram encontrados alunos que apresentavam dificuldades na leitura e escrita e demonstraram facilidade na matemática ou vice-versa. Possebon *et al.* (2012) e Almeida (2010) referem que, entre o 2º e o 8º ano do ensino fundamental, os principais sinais são: nível de leitura abaixo do esperado para sua série; dificuldade na sequenciação de letras em palavras; dificuldade em soletração de palavras; não gostar de ler em voz alta diante da turma; dificuldade com enunciados de problemas matemáticos; dificuldade na expressão por meio da escrita; dificuldade na elaboração de textos escritos; dificuldade na organização da escrita; podem ter dificuldade na compreensão de textos; podem ter dificuldade em aprender outros idiomas; dificuldade na compreensão de piadas, provérbios e gírias; presença de omissões, trocas e aglutinações de grafemas; dificuldade de planejar e organizar (tempo) tarefas; dificuldade em conseguir terminar as tarefas dentro do tempo; dificuldade na compreensão da linguagem não verbal; dificuldade em memorizar a tabuada; dificuldade com figuras geométricas; dificuldade com mapas.

No quadro 2, é possível observar que, dos 11 alunos encaminhados ao Programa de Atendimento Especializado Municipal (PRAEM), apenas três deles não foram chamados durante o decorrer do ano, visto que é um órgão público, que atende a todas as crianças das escolas municipais da cidade de Santa Maria, RS e, por isso, a demanda é muito grande, mesmo assim, a porcentagem de crianças atendidas é alta.



Infelizmente, é possível verificar que o alto índice de demanda se dá pelo fato de a maioria das famílias não responderem ao chamado da escola e assim não levam a criança para atendimento, dando vaga para um novo aluno. No quadro 2 consta o motivo do não comparecimento às consultas.

Quadro 2 - Situação do não comparecimento de alunos com dificuldades e distúrbios de aprendizagem na amostra estudada (n = 11 alunos) aos encaminhamentos realizados pela instituição escolar.

GÊNERO	SITUAÇÃO REFERENTE AO NÃO COMPARECIMENTO AS CONSULTAS DURANTE O ANO DE 2019.
Masculino (B)	Situação: Não foi chamado para atendimento.
Masculino (C)	Situação: Não frequentou as consultas no PRAEM pelo fato de a mãe estar gestante de risco. Além disso, a família está passando por dificuldades financeiras. O acompanhamento com a educadora especial no contraturno não foi aceito pelo fato de não ter quem o leve para a escola pelo período também da manhã.
Masculino (D)	Situação: A família não levou às consultas da psicopedagoga no PRAEM porque a mãe estava gestante e já tinha outros filhos. Já para o atendimento do oftalmologista foi chamado, ganhando os óculos de acordo com seu grau de necessidade. Motivo: Dificuldade de leitura, escrita e cálculos.
Feminino (F)	Situação: Encaminhado ao PRAEM. (Não foi chamada para atendimento). Motivo: Dificuldade de leitura, escrita e cálculos. Extremamente nervosa.
Masculino (G)	Situação: A família discorda da dificuldade da criança e, por isso, não levou para atendimento. Apenas sugeriu que encaminhasse para um psicólogo.
Masculino (I)	Transferiu-se de escola.
Masculino (J)	Situação: A família discordava da dificuldade da criança e, por isso, não levou para atendimento. Porém, no início de novembro, a professora da turma foi procurada pela mãe do aluno que mudou de opinião, entendendo a necessidade de ajuda de um psicopedagogo. Então, a criança será novamente encaminhada no ano de 2020.
Masculino (K)	Situação: A família discordava da dificuldade da criança e, por isso, não levou para atendimento. Porém, no início de novembro, a professora da turma foi procurada pela mãe do aluno que mudou de opinião, entendendo a necessidade de ajuda de um psicopedagogo. Então a criança será novamente encaminhada no ano de 2020.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Observa-se, no quadro 2, que os motivos para o não comparecimento nas consultas são variados. Verificou-se que tanto o aluno C como o D não foram às consultas e perderam o vínculo pelo mesmo motivo: mãe gestante. A maioria dos alunos da escola pesquisada são de famílias numerosas, que possuem carências de todas as ordens, tanto emocionais e sociais como financeira, fatores que afetam a aprendizagem. Segundo Vygotsky (1989), não se pode negar a relação entre desenvolvimento humano e ambiente, sendo que criança e ambiente influenciam-se mutuamente (RAPOPORT; SARMENTO, 2009), ou seja, a criança é acometida pela influência do ambiente e os fatores circunstanciais onde está inserida.

De acordo com Ferreira e Marturano (2002, p.39), “crianças provenientes de famílias que vivem com dificuldades econômicas e habitam em comunidades vulneráveis tendem a apresentar mais problemas de desempenho escolar e de comportamento.” Verifica-se que as famílias não veem na escola um modo de melhorar de vida, elas se colocam



como “pobres” e sem oportunidades e, por isso, não se nota preocupação pela dificuldade de aprender do filho.

O aluno D passou por um teste oftalmológico na própria escola (oferecido pelos alunos residentes em Oftalmologia da UFSM) e foi constatada a necessidade do uso de óculos. Para isso, foi encaminhado ao Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM) para maiores exames e lá mesmo ganhou os óculos. O aluno até então se sentia cansado, desanimado, não conseguia acompanhar as atividades. Após começar a usar óculos, imediatamente passou a acompanhar as aulas, realizando com muito esforço as atividades. Observou-se que ele possui muitas dificuldades, mas a falta dos óculos estava prejudicando muito sua aprendizagem.

Outro resultado, conforme os dados apresentados no quadro da pesquisa e que chama atenção são dos alunos G, J e K (J e K são irmãos gêmeos). As famílias desses alunos não aceitaram que seus filhos tinham dificuldade. A família do aluno G ressaltou que ele tem preguiça e chora muito em casa, pois o pai lhe cobra demais. Então solicitou para a pesquisadora professora da turma que encaminhasse para um psicólogo.

Já a família dos irmãos J e K ficaram extremamente chateadas com a escola e a professora da turma quando receberam o encaminhamento com data para consulta a uma psicopedagoga, alegando que seus filhos não tinham nenhum tipo de dificuldade, inclusive afirmaram que a professora é que não sabia ensinar.

Refletir sobre a importância das responsabilidades de todos envolvidos neste processo se torna indispensável, pois o professor e aluno normalmente acabam sendo responsabilizados pelos problemas de aprendizagem. Passando despercebida a real importância e influência da família e comunidade neste contexto. Por isso é importante abordar aqui questionamentos que possam ser trabalhados não somente na escola, mas também no ambiente familiar e social cada um exercendo suas responsabilidades. Para os alunos que vivem situação de criticidade pessoal e escolar no caso “dificuldade de aprendizagem” possam se sentir apoiados e seguros nesta condição que é tão comum em nossas escolas. (OLIVEIRA *et al.*, 2014).

Fechar os olhos diante de tão grave problema é, sobretudo, fugir da realidade, fingindo que está tudo bem e que logo isso iria mudar. A professora pesquisadora, mesmo com os pais culpando-a pela não aprendizagem das crianças, não desistiu de ajudar os meninos. Sempre que possível conversava com a família explicando as dificuldades e necessidades das crianças, normalmente a resposta era um silêncio, ou o pai mudava de assunto, sendo notável seu desconforto em falar sobre tal questão.

No mês de novembro de 2019, ou seja, no último trimestre do ano letivo, a família novamente procurou a escola, e conversando com a professora pediu que novamente encaminhassem os meninos para psicopedagoga, alegando que verificaram que realmente eles precisavam de ajuda de especialistas.

Assim, é fundamental levar em consideração que as famílias necessitam de um tempo para reflexão e, conseqüentemente, para a aceitação das dificuldades de seus filhos. Nesse contexto, é fundamental o entendimento de que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo



“mundo” (FREIRE, 1987, p.13), uns em interação com outros em um processo dinâmico e de ajuda mútua.

Refletindo sobre o ocorrido, verificou-se o quanto é importante não desistir de atender com respeito e educação a todas as situações que ocorrem tanto com as crianças como com os pais, pois, na maioria das vezes, a falta de conhecimento ou mesmo frustração com o que é desejado para os filhos acaba bloqueando e impedindo que a realidade seja vista.

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente (*sic*), em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades. (PIAGET, 2007, p.50).

Também é possível verificar que a maioria das famílias delegam a aprendizagem das crianças para a escola e ela tem de dar conta. Por isso, é fundamental o educador criar um elo de respeito entre ele e os pais, principalmente buscando colocar-se em sua situação, pois, na maioria dos casos, as famílias não têm conhecimento suficiente para entender as dificuldades dos filhos.

Essa mesma família, dos alunos J e K, mais especificamente o pai que foi buscar os pareceres, agradeceu imensamente a professora e falou: “Com certeza a senhora ficará marcada no coração da nossa família eternamente. Foi uma professora inesquecível para meus filhos.”

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola e a família são responsáveis pela integração da criança na vida em sociedade, é delas que a criança irá receber a educação e todos os cuidados necessários ao seu desenvolvimento. Assim, quando verificada alguma dificuldade na criança, a escola, juntamente com a família, tem a responsabilidade de buscar ajuda especializada da qual a criança necessita.

O caminho percorrido para realizar esta pesquisa foi desafiador, pois, para verificar a ocorrência de dificuldades e distúrbios de aprendizagem na turma em questão, foi preciso muita sensibilidade e aquisição de novos conhecimentos por parte da professora pesquisadora, por meio de leituras sobre o assunto.

Assim, foi possível verificar que os 8 alunos analisados apresentavam dificuldades mais sérias que o normal. A partir daí, contou-se com a ajuda da orientadora educacional da escola, que auxilia nos encaminhamentos ao PRAEM. Buscou-se, em conversas informais e após, com os questionários, ter diálogos com as famílias verificando se elas tinham conhecimento da realidade dos seus filhos. A pesquisa em questão também contribuiu para que a escola e a professora tivessem mais proximidade com as famílias, pois se percebeu que, quando se atua com olhos de pesquisador, depara-se com fatos a respeito dos quais, até então, não se havia pensado.



Sendo assim, acredita-se que os objetivos desta pesquisa foram alcançados, pois o estudo contribuiu não apenas para a aprendizagem das crianças, tanto que a maioria dos alunos não teve atendimento psicopedagógico ou por não terem sido chamados pelo PRAEM ou pela ausência nas consultas, mas também porque fez com que os pais passassem a enxergar realmente seus filhos, conhecendo as suas necessidades e dificuldades manifestadas. Alguns pais, no início do ano, percebiam a dificuldade de seus filhos como algo normal, pois seus outros filhos também eram assim, já estavam acomodados com essa situação. Já outras famílias tinham problemas em enfrentar a realidade e em reconhecer a dificuldade de aprender do seu filho, se limitando a culpar a professora ou a chamar seu filho de preguiçoso.

O maior contato entre pais e professora pesquisadora contribuiu para novos olhares dos pais em relação a seus filhos. Isso foi observado na mudança de postura da família dos gêmeos (X e Y) quando reconheceram e voltaram atrás em sua decisão de então buscar ajuda com um profissional para que seus filhos tivessem possibilidade de aprender.

Portanto, este estudo possibilitou reflexão, ressignificação e aceitação da negação dos pais em relação às dificuldades de aprendizagem dos seus filhos. Para a pesquisadora, o estudo realizado trouxe novos conhecimentos tanto teóricos como práticos, pois houve um novo entendimento referente não só ao tema, mas também a respeito dos educandos. Desenvolveu-se um olhar mais sensível a respeito das dificuldades e dos problemas enfrentados diariamente por meninos e meninas, que, na maioria das vezes, deixam de ser crianças ainda muito pequenas, e, talvez, a escola seja o único lugar que elas tenham para viverem a infância.

Além disso, a pesquisadora refere como grande aprendizado o fato de aprender a respeitar e entender os pequenos avanços dos alunos, pois são estes pequenos progressos que contribuem para elevar a autoestima e, por consequência, contribuem para avanços posteriores.

Todas as reflexões proporcionadas pela pesquisa, certamente, servirão de aprendizagem e acompanharão a pesquisadora professora da turma pelos próximos anos, contribuindo para a alfabetização de outras crianças.

6. REFERÊNCIAS

BAZI, G. A do P. **As dificuldades de aprendizagem em leitura escrita e suas relações com a ansiedade**. 2000. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. v.3.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.



- CARLESSO, J.; TOLENTINO-NETO, L. As contribuições de um planejamento interdisciplinar com temáticas de ciências numa amostra de alunos com dificuldades de aprendizagem. **Revista Contexto e Educação**, Ijuí, v.33, n.104, p.129-50, 2018.
- DEMO, P. É preciso estudar. In: BRITTO, A. M. de. **Memórias de formação**: registros e percursos em diferentes contextos. Campo Grande: UFMS, 2007.
- FERNÁNDEZ, A. **Inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.
- FERNÁNDEZ, A. **Os idiomas do aprendente**: análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.
- FERREIRA, M. de C. T.; MARTURANO, E. M. Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.15, n.1, p.35-44, 2002.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 10. ed. São Paulo: Olho D'Água, 1993.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho**: ensinar e aprender com sentido. São Paulo: Grubhas, 2003.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- KEMMIS, S.; MC TAGGART, R. **O planejador da pesquisa-ação**. 3. ed. Victoria: Universidade Deakin, 2001.
- LIMA, R. F. de *et al.* Dificuldade de aprendizagem: queixas escolares e diagnósticos em um serviço de Neurologia Infantil. **Revista Neurociências**, v.14, n.4, p.185-190, 2006.
- MORAES, Z. R.; CHIARI, B. M.; PERISSINOTO, J. Estilos de linguagem como facilitadores de memória. **Pró-fono**, v.13, n.1, p.54-61, 2001.
- MORAIS, A. M. P. **Distúrbios de aprendizagem**: uma abordagem psicopedagógica. 5. ed. São Paulo: Edicon, 1992.
- MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. In: **Educação como exercício de diversidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2005. Coleção Educação para Todos. v.6.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- OLIVEIRA, C. R. de *et al.* Análise crítico-reflexiva das dificuldades de aprendizagem. **Psicopedagogia OnLine**, p.1-17, 2014.
- PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.



POSSEBON, N. B. *et al.* Identificação de sinais de dificuldade distúrbios de aprendizagem e a importância de intervenção precoce em sala de aula. In: JORNADA DE DEBATES SOBRE ENSINO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 2., 2012, Itabaiana. **Anais...** Itabaiana: UFS, 2012.

RAPOPORT, A.; SARMENTO, D. F. Desenvolvimento e aprendizagem infantil: implicações no contexto do primeiro ano a partir da perspectiva Vygotskiana. In: RAPOPORT, A. *et al.* (Org.). **A criança de seis anos no ensino fundamental**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

VASCONCELLOS, C. dos S. **A atividade humana como princípio educativo**. 2. ed. São Paulo: Liberdade, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Submetido em: **10/10/2020**

Aceito em: **03/09/2022**